

DN 17.9.65; DN 20.5.69
CM 21.3.54 e 23.3.54
Globo 9.6.61 e 10.6.61

Rubem Braga

20.5.69

Um Cronista da Índia

Releio meu bom Diogo do Couto; éle foi o cronista das tristezas da Índia, e era homem honrado e amigo da verdade. Com o que, já se vê, não se deu lá muito bem, tanto assim, que Rodrigues Lapa lhe cita um trecho de carta: «Consola-me que, pois a Índia padece tantos naufrágios e tribulações, que é justo que o seu cronista corra com ela uma mesma fortuna».

Tem a língua solta, esse seu «Soldado Prático», embora seja humilde: «Estas coisas tôdas que me Vossa Mercê ouve, são tôscas, mas verdadeiras, e resistidas por um soldado idiota, que, tirado de sua espingarda, não sabe falar mais que verdades chãs». O que, aliás, o diverte: «As verdades faladas por interêsses já o não são, e eu polas falar não quero nenhum galardão, porque o maior da vida é dizê-las». Os tempos não são muito honrados: «Quem quer ser despachado de alguma coisa fale com a bôlsa». Os costumes se afrouxam: «as casas que em Gôa havia d'esgrima tornaram-se escolas de dançar e ensinar môças». Os tribunais são horribéis, e nêles, com testemunhas compradas, tudo se faz e prova. Refere o cronista um dito do grande Afonso de Albuquerque, onde deixarei reticências no lugar de uma palavra sartreana: «Sabeis quão má gente é a da Índia, que me puseram que eu era... e mo provaram?». E isso — anota o cronista — «sendo éle um fidalgo tão honrado, tão cristão, e tão honesto, que afirmam que nunca criado seu lhe viu o pé descalço».

Depois da conquista, os rudes soldados portugueses se encantam pela boa vida, e começam a ficar elegantes; dão até para raspar as barbas. «E assim, enquanto os capitães e soldados tinham barbas largas, tinham vergonha, que não sei se hoje se achará; por certo que desejo de ver ressuscitado aquêle bom Rei D. Manuel, e com éle um daqueles soldados veteranos com que a Índia se conquistou, com ua barba pelos peitos, um pelote polo joelho, uns musgos cortados, ua crangeia ao peito, posta em um murrão, ua chuça ferrugenta nas mãos ou ua bêsta às costas, e a par dêles um dos soldados dêste tempo, com ua capa bandada de veludo, coura e calções do mesmo, meias d'arretros, chapéu com fita d'ouro, espada e adaga dourada, barba raspada ou muito tosada, topete muito alto: parece-me que tornaria aquêle bom rei logo a morrer de rijo...».

Quanto às varas dos juizes e desembargadores, são flexíveis: «porque algumas vi eu já tão delgadas, que com um rubi ou diamante se dobravam logo; porque já com alcatifas, colchas e peças de sêda, barcas de louca da China, e outras coisas desta sorte, isto fá-las inclinar até o chão; e o bem que tem, que nunca quebram, por muito pêso que lhe ponhais, porque haverá destas que pode com um cavalo selado e enfreado, sem fazer mais que torcer! Quebram elas algumas vêzes, mas os focinhos aos pobres, quebram-lhe a honra e a fazenda...»

E, para acabar, seu clamor contra a displicência diante dos pequenos e grandes erros e desmanchos: «Nas repúblicas bem ordenadas tudo se encaminha a bem, e tanto se trabalha para remediar as coisas pequenas como as muito grandes. Se vos cal um muito pequeno arguelro no ôlho, enquanto o não tirais inquietá-vos tudo; assim o fazem coisas muito pequenas no ôlho de vossa república: se lhe não acudirdes no arguelro pequeno, trá-la-eis sempre inquieta; de pequena bostela se cria grande mazela, dizem as velhas».

Era a Índia dêste tempo colonizada pelos mesmos homens que formavam nosso Brasil; fui, por isso, buscar, no velho cronista, consôlo para nossas mazelas, que não são iguais porque são piores...

11

10

RN n° 53

Continuo a ler o
«Soldado Prático» de
Diogo do Couto e
suas letras foram
solu e Lúcia
Depois —

RN n° 54

DN 20.5.69